



## EDITORIAL

Na virada do século, após quase dez anos de abertura da economia brasileira aos fluxos e refluxos do mercado global, uma série de eventos associados às mudanças sociais e econômicas definitivamente exigem a (re)formulação de novos instrumentais de análise.

A recente fusão da *America On Line (AOL)* com a *Time Warner* (e posteriormente com a *EMI*) mostra, ao mesmo tempo, a força da chamada *New Economy* e a potência das empresas ligadas à estruturação e gestão da *Net Economy*. Para se ter uma idéia, mesmo que superficial, do peso relativo e das condições de constituição deste gigante das redes e da nova indústria cultural, é só comparar, por exemplo, o valor alcançado na fusão mencionada acima com os valores alcançados pela recente privatização da *Vale do Rio Doce*: a *CVRD*, maior mineradora do mundo, foi vendida por 3,13 bilhões de dólares. Por mais baixo que tenha sido este preço, fica claro que isto representa muito pouco em face dos 183 bilhões de dólares que a *AOL* conseguiu alavancar para tomar o controle da *Time Warner*. Ou seja, a maior mineradora do mundo vale apenas 1,7% do maior grupo mundial da *New Economy*.

Mas não se trata apenas disso. A fusão *AOL-Time Warner* tem também um peso específico. Com efeito, a *Time Warner*, ícone da *Old Economy*, da velha indústria cultural norte-americana, possui um faturamento cinco vezes maior que o da *AOL*. Entretanto, a *AOL*, que tem um efetivo de apenas 15% do efetivo da *Time Warner* conseguiu tomar o controle do gigante graças à força que o mercado financeiro vem lhe fornecendo. O mercado financeiro tem amplificado, portanto, profundamente o perfil das configurações empresariais destinadas a ter um papel chave nos próximos anos.

Assim, não estamos assistindo apenas a mais uma etapa do longo processo histórico de deslocamento da centralidade dos setores primário e manufatureiro para o setor terciário (que justificaria o impressionante

descompasso entre o valor da *Time Warner* e o da *Vale do Rio Doce*). Nestas operações atestamos um deslocamento de paradigma, ou seja, a mudança de substância da própria atividade econômica: visível no descompasso que separa a força de crescimento futuro da *AOL* em face do patrimônio (direitos autorais, licenças, etc.) acumulado pela *Time Warner*.

E não se trata de acontecimentos limitados às economias centrais. Após o processo de privatização do sistema brasileiro de telecomunicações, nosso mercado de telefonia mostrou um forte crescimento, promovendo o *boom* da Internet. A emergência, no Brasil, de grandes e novos operadores que oferecem acesso gratuito à rede mostra que é nesta dinâmica de circulação e de produção da informação que se determinam os papéis decisivos de um regime de acumulação substancialmente novo.

Neste número a *Lugar Comum* traz no seu núcleo temático, intitulado "Território e Trabalho", artigos que oferecem elementos para a reflexão teórica sobre estas importantes mudanças. Boutang problematiza a crise da relação salarial e do *Welfare State* na perspectiva da emergência de um espaço público de produção. Neste sentido, ele avalia as tentativas mais avançadas da economia política para integrar os fatores extramercado (as "externalidades"). Cocco propõe um balanço das transformações que fizeram da cidade policêntrica o novo lugar de produção. E, finalmente, Dantas desenvolve sua análise econômica e epistemológica da produção e do papel da informação.

## OS EDITORES

**Carlos Alberto Messeder Pereira**

**Elizabeth Rondelli**

**Giuseppe Cocco**

**Karl Erik Schøllhammer**

**Micael Herschmann**